

AS BAIONETAS

Vicente Cascione

FHC desta vez foi mais explícito. Antes, quando pretendia ameaçar ou ferir seus críticos, adversários e divergentes, valia-se, costumeiramente da metralhadora verbal do Serjão, que é o próprio presidente visto pelo lado de dentro.

Desta vez, ao invés de brandir a língua de seu alter ego momentaneamente condenado ao exílio do silêncio, FHC recorre às baionetas. Afinal, filho de general, peixinho é.

Os âncoras da TV e alguns formadores de opinião coincidentemente declamaram a mesma frase: a de que desta vez o presidente foi duro em seu pronunciamento. O gênio inspirador, digamos, pouco criativo e preguiçoso, desses comunicadores, dita, a cada um deles, as mesmas frases. Parece tratar-se da mesma fonte e, pelos indícios, desconfia-se de um processo de cópia ou de cola dos reais palacianos.

O presidente não deve ser duro nas palavras, mas na ação. Se pretende intimidar os outros, por enquanto apenas com as armas da retórica da ocasião, não pode cometer o deslize da incoerência, sob pena de mostrar o abismo existente entre suas verdadeiras intenções e as palavras com que procura dissimulá-las. Assim, chega-se ao comportamento inverossímil de quem afirma estar desejando a apuração profunda dos anunciados atos de corrupção, mas rejeita a constituição de uma CPI, único instrumento para tentar alcançar os impunes ou, se quiserem, os imunes.

Mas retornemos às baionetas. Com a inevitável agravante genética, e graças às condições climáticas da política tropical favorável aos ciclones das ditaduras, FHC começa a ter maus pensamentos.

Um estadista verdadeiramente vocacionado para a democracia não pode tolerar o desrespeito à lei e à ordem, e tem que agir a partir das primeiras tentativas promovidas para subvertê-las. E assim deve ser.

Mas um estadista verdadeiramente vocacionado para a democracia, além de não poder permitir a subversão alheia, deve ser o primeiro a dar o exemplo de respeito ao direito, à justiça, aos poderes, e às instituições. FHC fez o contrário. Incitou a nação contra o Congresso (em cumprimento à ameaça por ele anunciada em conversa pessoal comigo, diante de alguns deputados no início do ano de 1996, quando começava a votação das reformas). Atacou reiteradamente o Poder Legislativo, o Judiciário e outros segmentos da sociedade civil. Contou, para tanto, com a repercussão que boa parte da mídia lhe proporcionou, a mesma cuja pauta coincide com os rea-

leses palacianos a que me referi.

A partir do mau exemplo do chefe do Governo, a vida dos insubmissos à lei imita a arte do presidente.

Apenas incitadas as afrontas à lei e à ordem, o que deveria fazer um estadista verdadeiramente vocacionado para a democracia? Determinar medidas para impedir as invasões, a baderna e o império da terra de ninguém. Para isso, um governo consistente, concreto, verdadeiro e regular, disporia dos instrumentos e mecanismos institucionais que atuam com a mesma presteza e eficiência com que funcionam as coisas na hora de votar a reeleição ou de vender a Vale, na marra.

Mas, no improviso das providências tardias, aparece o perfil do estadista (?) vocacionado para o despotismo. E aparece o pretexto. A idéia de baioneta revela intenções que vão muito além da devida e justa repressão aos baderneiros, subversivos e agitadores, pescadores

nas águas turvas da miséria de um povo definitivamente disposto a vomitar as promessas engolidas ao longo de sua via crucis, neste País.

A idéia da baioneta é ameaça lançada erga omnes, sobre todos, sobre os mesmos alvejados pela incontinência do Serjão sob o comando de seu mantenedor diante do qual nada se faria que não fosse de sua vontade.

A idéia da baioneta é ameaça aos divergentes e críticos, aos que não rezam o breviário dos reais, aos independentes, aos insubmissos, aos que desejam a CPI, aos que dão números menos confortáveis às pesquisas de opinião.

A idéia da baioneta poderia ser um instante passional de quem está com a cabeça quente. Mas para um chefe de governo, sociólogo e intelectual, que sempre vendeu boas aparências interiores e que parece ter sofrido ameaça das baionetas no passado, a vacina desse trauma deveria ter criado nele imunidade ao passionalismo por mais ardentes que possam estar as cabeças.

A idéia da baioneta é um grave sinal. Um atestado. Uma certidão. Um aviso. Uma séria ameaça.

Na ponta da baioneta pode estar o golpe que FHC me disse, em fevereiro de 1996, ter visto na linha do horizonte e que parece estar se aproximando. Ou talvez seja o contrário: quem empunha a baioneta pode estar caminhando, a passos largos, naquela direção.

■ Deputado Federal pelo PTB de São Paulo, professor decano de Direito Penal da UNISANTOS — Universidade Católica de Santos.